POSTO PERSUDANTES DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Redactor:

JOAQUIM PERRY GARCIA

REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO:

Director — A. G. DOS SANTOS NOBRE

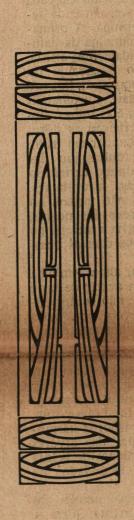
AVULSO, \$25 Centavos — TRIMESTRE, Esc. 1\$50

Editor:
ANTONIO CARVALHO ANDRADE

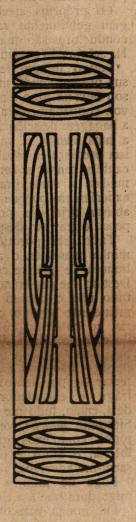
Comp. e imp. na Tip. O PRIMEIRO DE JANEIRO
Rua Santa Catarina, 326 — Porto

SEMI-ANIVERSARIO

Com a saída do numero doze, completa o nosso quinzenario o seu primeiro meio ano de existencia. A todos os que nos mandaram felicitações, sinceramente agradecemos com a expontanea satisfação que brota a cada momento do nosso justo entusiasmo. O :Porto Academico: sauda em geral toda a Academia do Porto, fazendo os mais ardentes e sublimes votos pela sua brilhante existencia, nascida delicadamente numa excelsa e soberba Realidade e afastada para sempre da mais lendaria e misteriosa Tradição.







OS ALUNOS DO 5.º ANO DA FACULDADE DE SCIENCIAS QUE CONSTITUEM A EMPREZA DO "PORTO ACADEMICO", NO DIA DO SEU SEMI-ANIVERSARIO, SINCERAMENTE SAUDAM A ACADEMIA DO PORTO.

DA ESQ. PARA A DIR. (SENTADOS) FOGAÇA GUIMARÃES; PERRY GARCIA; SANTOS NOBRE; ANTONIO ANDRADE E SERAFIM LINO. (DE PÉ) JORGE VIANA, AMERICO SOARES, ANTONIO DIEGUES, CARDOSO LIMA E FERREIRA DOS SANTOS

A UNIVERSIDADE NOVA

Ha uns anos já a imprensa do Porto exaltava com entusiasmo uma ideia admiravel lançada por alguns espiritos amigos da Universidade: a criação de um bairro universitario onde todas as Faculdades tivessem os seus edificios proprios, onde os estudantes possuissem as suas associações de cultura, bibliotecas, todos os elementos de trabalho e de estímulo para a vida intelectual.

Esse entusiasmo esmoreceu, extinguiu-se e bom seria que nós todos, professores e estudantes juntassemos os nossos esforços para renovar a nobilissima iniciativa.

Ao "Porto Academico" cabe, neste momento, o dever de orientação da mocidade escolar: por enquanto é ele o unico jornal onde os interesses dos estudantes teem a sua defeza e assim a criação do bairro universitario ha-de merecer aos seus redactores o mais caloroso aplauso. O Porto não tem vida universitaria e contudo a população academica aumenta de ano para ano: urge cria-la, dar-lhe significado, uma directriz que não seja a da rotina. A criação do bairro universitario impõe-se: a Academia do Porto que se reuna num movimento de reivindicação para erguer bem alto a sua voz, para defender os seus direitos sagrados!

A Universidade Nova não se faz no "Diario do Governo" apenas com palavras platónicas que não correspondem a uma realização imediata. E' uma execução que exige valores positivos, que requer o emprego de importantes capitais. O Estado tem de olhar bem alto este problema: não é apenas a questão economica e financeira que existe em Portugal; é tambem a crise educativa tão angustiosamente traduzida na deficientissima vida universitária.

AARÃO DE LACERDA.

"PORTO ACADEMICO"

Acabamos de receber do ilustre professor da Faculdade de Medicina, o Doutor Almeida Garrett, as palavras que seguem e muito nos honram:

O "Porto Academico" é um reflexo da transformação que progressivamente vai sofrendo o nosso meio escolar, onde o mestre se encontra cada vez menos distanciado do aluno, procurando chama-lo ao verdadeiro interesse pelo estudo. Pouco a pouco vamos caminhando para aquela escola ideal, na qual o professor será o guia do trabalho individual dos educandos, levando-os a aprender tanto quanto possivel pelo proprio esforço; antitese da catedra declamatoria, com ingestão inassimilavel quasi sempre de conhecimentos já feitos, por um esforço de memoria realizado sem prazer mental, sob a ameaça da reprovação.

Ha vinte anos uma revista de estudantes tinha que ser demolidora, irreverente, com motivos ou sem eles. Esta, mostra já o caracter productivo da mocidade de hoje; e, se está ainda na faze literaria, tudo o leva a crer que com o andar do tempo entre na fase, mais avançada, da colaboração scientifica.

Todos aqueles que trabalham no « Porto Academico » agradecem ao ilustre professor da Faculdade de Medicina as tam belas palavras que nos enviou.

Ao Doutor Almeida Garrett, pois, os nossos agradecimentos e sinceras saudações.

O PRESENTE NUMERO DO "PORTO ACADEMICO" CONTEM SEIS PA-GINAS, AS QUAIS NÃO PODEM SER VENDIDAS SEPARADAMENTE

MASCOTE

2:Se1-VI-0

Prope Time Come

Para afirmar afoutamente que a vida é um grande match de foot-ball, basta considerar os pontapés com que de vez emquando somos mimoseados.

Não admira, pois, que eu, como Zamora, o célebre keerper espanhol, tenha uma mascotte.

Pequenina, duma graça esquisita e ténue, olhos negros de chama límpida, pele doirada e fina que o pó-de-arroz acaricia, mãos subtis que flutuam em carinhos inefáveis, bôca onde florescem beijos e sorrisos—a querida mascotte vai guiando a minha vida por caminhos

Dizem que ela tem um nome. ignoro-o!

Dizem que ela é de carne e osso.—Melhor!

Dizem que ela tem coração. —Que me importa!

Para mim ela é apenas o ser exterior, a futilidade encantadora que apetece envolver em papel de seda, e ter no quarto entre dois jarrões com flôres. Porque ela é a minha mascotte! Dia em que eu a veja—tudo me corre bem. E sintp-me forte, alegre. As pessoas e as coisas trabalham para mim, para o meu bem-estar.

Os próprios alectricos surgem gentilmente vazios e os conductores são quasi amaveis. Ha sol no céu e na mInha alma!

Sob o influxo feiticeiro da sua presença tudo me sai bem, sou feliz no jogo e nos amôres, vou confiadamente a actos com a bagagem de sciência reduzida a uma valise... vazia. Se na sua presença eu escolhesse uma cautela, tenho a certeza, sair-me-hia a sorte grande! Não experimento porque não quero abusar deia - e porque não posso entrar em despezas.

Tudo isto porque ela é a minha mascotte, o amuleto, a boneca de chance com que o Destino me presenteou. E contudo não o possuo definitivamente, não a trago, como que-ria, no bolso do colete, junto do coração. Muitas vezes fogeme, deixa-me, — e eu não a persigo, não caio na tolice de tentar vêr por dentro a boneca frágil e encantadora. Longe dela, então, tudo me corre mal. Sinto-me gauche, vencido. Os jogos complexos que são a loteria, o amôr e os actos saem-me adversos.

Foge de mim a bela ave migradora que é a alegria.

Oh minha mascotte, bonequinha de amôr, fragilima senhora, espero-te anciosa, volta, tu que me trazes sempre a Primavera, tu que és o meu sine qua non.

E pensando em todas as suas graças, e porque longe dela me sinto só e triste, chego-me a lembrar de a pedir em casamento, chego a aprestar-me para combater o inevitável dragão—sogra. on oto enquiro

EDGAR BRUNO.

CARTA

Ex. mo Snr. Director de «O Porto Academico»:

Meu caro amigo Santos Nobre:-Impõe-me a condição de académico, apagado aluno da nossa Universidade, saudar-te e felicitar todo o corpo reda-ctorial de «O Pôrto Académico» pela tenaz e boa orientação que tendes imprimido ao vosso jornal, dando á nossa Academia um dos factores mais uteis para o seu engrandecimento. Não vos teem faltado desgostos, é certo, mas o vosso esforço generoso tem a compensação na obra que realizais adentro da Academia e os muitos obstáculos removidos, pela vossa vontade insuperável, apenas aumentam a victoria e valorizam o triunfo.

Com um abraço, as felicitações sinceras do vosso amigo

TITO LIVIO S. MOTA.

ANTONIO CANDIDO

Ha um ano-como o tempo é breve, rápido, apressado! -que se realisou, em Lisboa, na Academia de Sciencias a consagração de Antonio Candido. De Antonio Candido, o artista requintado da palavra, o orador magestôso e sublime, o velho mestre de muitas gerações de Portugal! Recordo com saudade a hora de enfeitiçada espiritualidade que passei junto do Mestre. Os lugares comuns sucedem-se-me falando do artista, mas que importa? Se uma sinceridade extraordinaria os dita, lhes imprime a gran-

deza das minhas impressões. Falar do Mestre, como falar do Mestre se eu chorei e ele chorou ao abraçar-nos. Eu era a Mocidade. Ele o passado. Uma admiração maior, incomensuravel, infinita, me levou a ir á rua da Emenda, ao Bairro Alto, chorar junto do Mestre a velhice que o arrebatára á Tribuna. Ele, a Aguia que em vôos altos trasbordava luz, sentia já o frio terreno, estupido espião da Morte. O Poeta sentia frio, o frio tumular, para a sua palavra d'oiro se transformar num éco apagado doutros

Foi numa manhã de Março —dos fins de Março, numa manhã em que azas gloriosas de Portugal se sumiram no infinito em busca das Terras de Santa Cruz - que capas negras, a passos lentos, foram até á residencia de Antonio Candido, render-lhe a sua homenagem!

Depois das nossas saudações, de uma mocidade inteira, Antonio Candido, de lagrimas nos olhos e em clarões d'Amor! abriu-nos os braços e, emudecido, chorou mais e muito

Esta scena palpita, rebrilha na minha alma, intacta e dolorosa.

Deixámos o Mestre envolto na sua Saudade — e quantas imagens, quantas, the perpassaram então pela alma, em o frescor de madrugadas leves, quando as pombas ensaiavam os seus vôos de graça e as cotovias, num idilio terno, se namoravam em canticos languidos, e expressivos!

O Mestre lá ficou de lagri-mas em Luz a desfiar talvez as contas brancas das suas Alegrias em cinza, dos seus Sonhos em mortalha!

Antonio Candido, scismador. romantico, tinha agora-um enlevo de infinita brandura, beijando a Mocidade em Aleluías de Sonho!

E lá ficou o Mestre, numa casa alegre duma rua do Bairro

Noite feita. A Academia de Sciencias de Lisboa, ria em "toiletes" deslumbrantes, garridas e policrômas!

A Aristocracia da Arte, das Letras, do mundo oficial, tínha ido em procura de uma Hora superior de sentimentalidade, viver uma Hora d'Alma, de Poesia, de Adoração!

Antonio Candido, de Capelo e Borla, assume á tribuna academica. Uma explosão de palmas, quente, febril, interminavel revôa por todo aquele espaço.

Silencio, o Mestre vai falar. O Principe da Palavra, fála. Não interessa, arrebata. Não prende, atrai. Não entusiasma, endoidece.

Não pode continuar, a voz é sumida, as forças faltam.

Perolas, rubis, oiro puro sacudiram os seus labios palpitantes. Glicinias em petalas, roçavam todo aquele sonhar d'alma.

Não falou mais o Mestre. Palmas, palmas, delirio, ver-

Lisboa, branca de neve e doirada de sol, ficou com Antonio Candido. Lá ficou num chôro d'alma, profundo, esma-

O frio tumular, já o enrejelava. Mas nunca mais se falou d'Ele.

Um dia Lisboa estremeceu. Estremeceu quando os heroes do espaço—aqueles que tinham partido na hora de consagração de Antonio Candido-chegaram a Lisboa e Lisboa ria de entusiasmo, Lisboa ria e chorava ao mesmo tempo. Chorava porque tinha cahido a Aguia.

A Aguia que em vôos altos trasbordava Luz, ferida para sempre nas terras do Marão!

Ha um ano que Antonio Candido chorou. E agora um ano volvido sôbre esta scena indelevel para o meu espirito, chora a minha alma, pela Aguia que jámais voará!

Ha um Ano-como o tempo é breve, rapido, apressado!

MARTINS FERREIRA

OS DOIS POETAS

(A' M. H.)

DURANTE O BAILE

As notas alegres do piano, arras-tavam consigo os elegantes e gra-ciosos pares que deslisavam despreocupados na pequenina sala. No perfumado silêncio daquele ninho de beleza só o piano coman-

Terminada aquela meia duzia de passos lentos em que se arquitetavam os mais fantasiados castelos, começou uma série de passos rápidos, misteriosos impenetraveis, como se estivesse eminente um violento combate dificil de aplacar. Mas o piano continuou comandando sempre, e como que a luz da Paz fulgurasse por momentos, poder-se-ía sentir na sala um caminhar devagarinho e um terno e dôce baloiçar de todas aquelas vidas, de todas aquelas almas, de todos aqueles corações, para um e outro lado.

O piano calara-se. A voz do comando deixára de ouvir-se. Aquelas vidas entreolharam-se, as almas sorriam e os corações compreenderam-se.

O ETERNO «MAS»...

Eu gostava de vêr-te, meu adorado Mário, um pouco mais amavel para comigo. Tu só és poeta na minha ausêncía, como se o meu amôr não bastasse para humedecer eternamente a tua pena delicada, mimosa e tam dificil de compreen-

Maria, não fales assim... Tu bem sabes que te quero muito... Precisas de distrair-te... Antonio, o sentimental poeta, o

meu amigo na alma e meu rival na pena, irá cautar alguns dos seus versos bem lapidados. Ouvi-lo-has com atenção. Eu vou regressar a

casa e volto ámanhã. Mário amava Maria, «mas»... amava outras tambem.

O POETA DA ORGIA

Antonio sofria bastante!... E' que Maria era divinamente bela e os seus encantados sorrisos faziam lembrar com o seu brilho tam sedu-tor, as sonhadas belezas dos contos das «Mil e uma noites», E Antonio sentiu o seu coração de poeta olhar b'em ao longe, a vêr se conseguia atravessar êsse enorme obstáculo que se encontrava entre êle e aquela que ha já bastantes dias, silenciosamente e em segrêdo só êle cantava nos seus versos. E a figura de Mário, surgia então, como um cruel fantasma negro, envolto numa amisade dificil de derrubar, mas calcando aos pés um amôr singelo e verdadeiro.

Antonio calára sempre a sua pai-xão. Ele sabe que Mário não amava Maria e nunca havia de ama-la, antes iria procurar as delicias do amôr nos braços frios e nús de mil e uma amantes. Mastela chamava-lhe o seu idolo, a sua alma, a sua vida.

Ela sonhára sempre um poeta que contasse á sua pêna as desditas da sua alma, de tal modo que ela, pro-

fundando essas canções, pudesse suavisar essas máguas e mesmo extingui-las, ce a terac carinho e amór impetuoso. Mário só cantava imprevistas alegrias, desejos libertinos, paixões impuras, ceias volutuosas, encontros faustosos e lascivos prazeres. A sua vida resumia-se numa só palavra — Luxuria. E ela adorava-o apesar de tudo

adorava-o apesar de tudo. A arvore gigantesca do seu amôr, encontrára certamente a melhor terra para crescer: a indiferença de Mário-o poeta da orgia.

O POETA DO SENTIMENTO

Antonio é que amava num delirio a apaixonada donzela e muitas vezes ao chegar da noite quando ela esperava o seu querido Mário, sentira a voz da sua consciência gritar-lhe bem alto: Corre... Corre junto dessa divinal beleza, dessa encantada maravilha, e diz-lhe nos teus versos simples e sentimentais, não só o amôr que tenta fulminar-te, mas tambem que Mário não a ama que Mário escarnece dela e a torna uma vitima inocente. Quantas vezes, nas tranquilas noites dum verão se-reno, êle ia como um mendigo, atravessando as extensas ruas, até chegar áquela casita de azulejos verdes, santa guarida da luz bemdita que iluminava a sua alma. Mas nem sequer ia mendigar. Ele era o mensageiro de Mário, o seu maior amigo e o seu maior rival.

E assim, a sua voz tam vacilante, de que a propria noite tinha receio, subia em turbilhões ensanguentados ao doirado peitoril onde se encontrava aquela vírgem tam quimérica Mário manda dizer... que não pode vir... dizia o poeta dolorosamente. Mas vendo lá em cima duas lagrimas scintilando como duas estrelas mui brilhantes, sentira vontade de gritar: E' mentira... Ele é que não quer vir... porque não te ama... Ele está... lá em baixo... numa taber-na... bebendo e dando de beber á sua amante... que ri muito e muito... já bastante embriagada... senta-da nos seus joelhos... criminosos...

criminosos... criminosos...

Mas o seu peito calára-se como se estivesse moribundo. E num adeus fatal como aquele que nasceu no coração de Byron, o moço poeta voltára a casa, cantando o seu sofrimento em poesias simples e senti-

JUSTA RECOMPENSA

Depois que um ano passára, Mário estava muito grato ao seu tam fiel e dedicado mensageiro. Desconfiára da paixão de Antonio, e como ainda só tivera amantes e com Maria nada pudera conseguir, provocára com ela

o rompimento. Esta, anjo divino de um celestial amôr, vertera lagrimas de sofri-mente, lagrimas sinceras e nem as consoladoras palavras de Antonio conseguiam terminar a sua dôr cruel. Não importava. O coração de Maria, completamente desmoronado, êle o

havía de reconstruir mais forte do que nunca. O tempo que la passando trouxera aos apaixonados vinte anos do môço poeta a justissima re-compensa do seu enormissimo sacri-ficio: o passado ia esquecendo e os caprichos do presente, já o deixa-vam entrever os sorrisos do futuro.

DELICADA SOLUÇÃO

Outro ano depois. Mário, o principe da boémia, é bem conhecido pelas suas estroinices. O coração de Maria, Antonio novamente o edificára nas sólidas bases do seu amôr poetico e eterno. Ele deixára de escrever a pouco e pouco as suas máguas desfeitas, para só cantar o amôr que lhe enchia o peito. E nos seus versos a encantadora Maria, aprendera um amôr inocente, um amôr sem egoismos, belo e simples como o tempo dos vinte anos, singelo e duradoiro como o sorriso da Sau-

POUCO DEPOIS

Os pares deslisavam com suavidade na pequenita sala. Lá ao fundo, como outr'ora, o piano comandava. A sua voz era mais segura, mais firme, como se não receasse que alguem desfizesse as inocentes torres de amôr que cada uma das suas harmoniosas palavras, tam gentis e musicais conseguira edificar. O silencio do piano foi a voz de descanço. Além, Antonio e Maria, sere-namente recordavam o passado. E como se tivesse chegado o prémio dos seus enormes sacrificios, os seus lábios sequiosos uniram-se sôfregamente, esvasiando assim num longo e terno beijo a taça dum tam grande amôr e que tanto tempo le-vara a encher. Aquele beijo, para Antonio fôra o melhor verso de todas as suas composições, fôra o fim do seu melhor poêma. Mas um alguem que se aproximava, levára o moço poeta a falar assim: Pediremos a Mário que nos cante alguns dos seus lindos versos. Mas a um sinal de Maria, foi Antonio quem recitou:

> Foi um môço de vinte anos Quem me contou êste sonho,

> > EMFIM...

Cinco horas de uma noite bela. Maria, adormecida. A lua cheia de inveja. A pena de Antonio revolve-se nas folhas de papel e escreve uma pequenina historia. O sol, nêsse momento espreguiçando-se, não tarda a espreitar como a certificarse de que a lua já fugiu. Mário caminha cambaleando, ora nas ruas largas e extensas, ora nos bêcos tristes e avinhados.

E a brisa que vai passando, canta serenamente

uem me contou êste sonho oi um moço de vinte anos...

SANTOS NOBRE.

A primavera tomou posse oficial no dia 21 de Março. A terra, como uma grande fábrica muda de director; ha uma vontade nova a dirigí-la.

O inverno enregelado descuidou a natureza, abandonou-a, deixando que a neve empoeirasse os cimos das montanhas e rolasse até ao côncavo dos vales, sujando tudo de branco e aos vegetais, tirando as folhas, levou todos os adornos que o musgo substituiu. O inverno é um velho preguiçoso que dispende todo o tempo a repetir lendas á lareira e nas ruas das cidades enovela os pobresinhos com a chuva teimosa e amedronta-os com o frio.

Depois, quando o seu governo está a terminar, vem o sol acordá-lo, prepara a terra e faz entrega á primavera dos dominios que lhe confiaram. Esta então, espana tudo, tudo limpa, aproveitando as aguas que revoltas e anarquizadas lavavam os costados dos montes e corriam a gorgolejar nas brechas dos vales, penetrando a terra, encharcando-a, pejando-a da vida que ámanhã, guiada e dirigida, rebentará cantando hinos de agradecimento em cada botão que nasce, em cada semente que germina. A primavera, a alma feminina da natureza, requintadamente artista, dispõe todo o desarranjo do inverno. Floromaníaca, floresce todos os vegetais, clorofilando todas as hastes e as folhas, tingindo com perfeição as flôres que hão de fecundar em fruto, para o beijo dulcissimo das abelhas e o abraço carinhoso das borboletas inconstantes. As andorinhas não tardam no caminho em revoadas negras, remiges de alegria a tracejar no azul imenso dos cêus as bôasvindas.

A primavera, alma feminina da natura, num avatar de luz e de beleza-que não compreendendo beleza sem luz, tanto ambas estão intimamente unidas, unificadas num mesmo ideal de perfeição - é a artista máxima na pintura duma paisagem, no colorido duma flôr e dum céu, na música das aguas e das aves, em tudo que é som em tudo que trasborda harmonia, na escultura das árvores criando novas linhas de beleza e dos campos fecundados de promessas.

Na abundância infinita do seu amôr de artista, jorra a poesia despertando em cada molécula, da analgia do inverno, uma alma nova, nova fonte de sensibilidades.

A's vezes, na sua ansia nervosa de beleza, arrasta o corpo dos doentinhos e quantos poetas, olhos fitos na terra alagada de sons e côr, deslumbrada de aromas, sacrificando ao sol a última rima, confundem o corpo á seiva que rebenta e a alma a um ritmo de orações pelo milagre da primavera, a alma feminina da natureza, a artista máxima da perfeição.

TEMOTEO.

ARCADA

Damos hoje o monumental programa que o nosso Orfeon e a nossa Tuna, muito brevemente, em algumas terras de Portugal e em Espanha, farão executar em diversos espectaculos:

PELO ORFEON

I-Hino Nacional Português.
II-Hino Nacional Hespanhol.
III-Còro dos Soldados-Gounod.
IV-El Amanecer-Eslava.
V-Alma Portuguesa — Mo d esto

V-Aima Portuguesa — Mo a esto Osorio.
VI-Balada Aldeã—Modesto Osorio.
VII-Desgarradas—Ernesto Maia.
VIII-Canção do Linho—Tomaz Borba.
IX-Vento de Outono—***
X-Toque das Avé-Marias—F, Moutinho.
XI-Morena—Inão Arroto.

XI-Morena-João Arrojo. XII-Luar, do Sertão-C. Cearense.

PELA TUNA

I—Hino Nacional Português.
II—Hino Nacional Hespanhol.
III—Hino Academico—Medeiros.
IV—Academico—Modesto Osorio.
V—Pôrto-Madrid—Modesto Osorio.
Vi—Peer Gynt—Grieg.
VII—Aux bords du Sebaon—Sellenick.
VIII—Os palhaços—Leoncavallo.
IX—Recordação antiga—André Silva.
X—Alma portuguesa—M. Osorio.
XI—Musette et tanbaurin—Rameau.
XII—Danse Arabe—Tschaikowsky.
XIII—Serenata—Modesto Osorio.



月月月月月月月月月月月月月月月 NOVE DE ABRIL!...

NO DIA DE HOJE, DATA GLORIOSA NA HISTORIA DE UMA GRANDE RAÇA, O :PORTO ACADEMICO: SAUDA COM ENTUSIASMO O AGUERRIDO EXERCITO AO MESMO TEMPO RECORDA COM SAUDADE OS FILHOS PORTUGUEZ. QUERIDOS DESTA PATRIA BENDITA, QUE POR ELA MORRERAM GLORIOSAMENTE.

quasi impossivel, a esta distância de espaço e tempo, reagitar na memória o drama formidavel. O que se passou fóra de mim foi demasiadamente vasto e caótico para que nela se pudesse projectar e guardar. E, assim, o que inapagavelmente se me vincou foi a impressão do próprio estremecimento subjectivo com que reagi.

Vagamente acorda, r.este momento... Chuva de aço e ferro, por muitos kilómetros quadrados de extensão. Silvos de gigantescas serpentes, saltando a procurar morder; rugidos de todas as ferocidades acordadas dum novo milenário; ó ceu como uma abóbada despenhando-se fragorosamente e a terra toda, bárbara virgem violada, despedaçada, berrando raivas por milhões de bôcas em cha-ga. Nevoeiro denso, infinitamente retardando a manhã, removendo perspectivas de pesadelo... E perto de mim, em algumas silhuetas de soldados de Portugal, impressionantes vincos de gravidade heroica, almas no vago assombro da própria profundidade, prontas para a dádiva suprema!

Vagarosamente, a manhã ia clareando, sempre sulcada de gilvazes de fogo, abalada sempre de fragores de morte, toda espectante de inquietações cres-

E então - visão que nunca mais esquecerei! - da distância nevoenta, um negro vulto de mulher alta, em luto, ao colo uma criancita, outra chorando atraz, corre na direcção do portal da ferme onde eu esperava... Um drêno se lhes depara, invadeável. Adivinho a trágica aflição i... Um soldado corre a mostrar a passagem. Vêm ao meu encontro...

-La Cave est-elle ouverte? Nem quasi tive tempo de res-

Todos desaparecem num momento pela porta da habitação do fermier.

A Cave da sua casa tinha sido abalada por um rebentamento próximo. Salvos por milagre, passavam por mim, máscaras moldadas por uma angustia shakespeareana, ampliados de tragédia. E fugiam como se fossem incarnadas, a Inocência e a Ternura humanas que maldades satânicas expulsassem da face da terra!

Depois... a marcha para a frente, para Lacouture, onde deparei as nobres figuras do capitão Roma e major Peres; o aprisionamento, quando ia tomar conta da posição que me tinha sido designada... e, então, as raivas da inutilidade do esfôrço, exasperando ás vezes a imensa, a desesperadora humilhação da marcha para o Desconhecido, naquela esfarrapada leva, sonâmbula e trôpega, torturada de sede e fome, sob as vaias dos batalhões do Kaiser que avançavam, alegres de juventude e confiança...

Do outro lado da barricada. a nossa ansiedade seguia, nos jornais alemães, a noticia do avanço. E registávamos notas reveladoras. Os soldados de Hindemburgo haviam sido quasi todos feridos ou mortos por balas de espingarda e metralhadora, porque as nossas

batarias, explicavam, cedo haviam sido reduzidas ao silêncio, pela violenta preparação da sua artilharia, de esmagadora superioridade. As nossas trincheiras - - acrescentavam com re-

A isto acrescentavam os nossos comentários depoimentos elucidativos, cujo somatório reconstruia êste quadro impressionante: uma fadiga insuperável, resultante de uma longa

alferes milicianos á frente de companhias...

E de Portugal, em vez de reforços, iam facilidades de deserção - licenças ilimitadas, requisições de oficiais, etc.

Que nenhum estudante esqueça aqueles valentes môços que tam patrioticamente abandonaram a sua capa negra e lá foram, pelo

caminho da Glória, envergando a farda do va-

lente militar português, defender a estátua sacrosanta da Liberdade.

AOS SEUS ESTUDANTES MORTOS

UNIVERSIDADE DO PORTO

ALUNOS DA UNIVERSIDADE DO PORTO MORTOS NA GRANDE GUERRA

1914 - 1919

IOSÉ BOTELHO DE CARVALHO ARAUJO 1.º TENENTE DA ARMADA, COMANDANTE DO CAÇA-MINAS "AUGUSTO CASTILHO"

FRANCISCO AUGUSTO DE SOUZA SANCHES TENENTE-MÉDICO

JOAQUIM GOMES DE OLIVEIRA E SILVA TENENTE-MÉDICO

> IOAQUIM VIDAL PINHEIRO TENENTE DE ARTILHARIA

MARIO AUGUSTO TELES GRILO TENENTE DE INFANTARIA

CARLOS AUGUSTO DE SOUZA SANCHES ALFERES DE METRALHADORAS

JULIO ALBERTO DE SOUZA FLORES ALFERES DE INFANTARIA

O "Pôrto Académico", recordando com saudade os nomes ilustres dêsses grandes heróis, respeitosamente ajoelha diante das lápides sagradas que a Universidade do Pôrto consagrou, numa justissima homenagem, aos seus estudantes mortos pela Patria!

:O DESCONHECIDO:

Na Catedral da nossa grande Historia Eternamente enfim vaes descançar... Ilumina-te o brilho da victoria Porque soubeste a Patria consagrar!

Caíste fulminado... Não morreste Porque vives em todo o Portugal! A bandeira que tu enobreceste Fez de ti um heroe, tez-te imortal.

Venceste, embora fosses um vencido; Desconhecem teu nome, mas ninguem Por certo desconhece o teu valor! ABILIO DE MESQUITA

: A VOZ DO TEMPLO:

Fôste á Flandres — eterno caminheiro Que só pensa num sonho de Beleza — A defender no instante derradeiro A Liberdade, ha muito sem firmeza.

Hoje, p'lo mundo, o ceu teu nome espalha E um povo heroico de alegria chora Tudo o que iizeste ainda dessa vez... Assim nos fala o templo da Batalha

Ensinando por esse espaço fora O tam sagrado Nôme Portuguez!

moques para os nossos aliados inglezes - eram em péssimo terreno pantanos, argila resvaladiça e empapada, e os abrigos, nem contra a penetração das balas defendidos.

permanência nas linhas; a ineficiência derivada da falta de metade dos graduados precisos para enquadrar os esfarrapados restos do C. E. P. - pelotões sob o comando de sargentos,

Consequentemente, a frente. de 12 k., para duas divisões, ocupada por uma, desapoiada e fatigadissima — e assim as linhas — rasgões de mendigos - apenas de distância em dis-

tância os pontuavam as energias individuais prestes a quebrar-se, apodrecidas no charco da lama e do esquecimento.

Tão evidente era esta miséria, que o alto comando inglês havia resolvido a nossa rendição, e tropas escocesas a aguar-davam já á rectaguarda, por-que fôra determinado que se efectuasse precisamente no dia 9 de Abril. Toda a linha estremecia, pois, num frémito de libertação, num ante-gôso de repouso bem ganho quando a catástrofe se desencadeou...

Eis as minhas recordações

Remiro-as... Tento, dêste cáos engendrar um núcleo de convicção que seja, na minha alma, o centro do sistema moral dum patriotismo confiante. Quero, como um alquimista medievo, converter em oiro esta coisa imprecisa, onde ha fulgências e viscosidades...

Consigo-o! No fundo, palpa-se a indomável energia duma raça que não quere morrer, apesar de tudo... Na longa paciência daquela jazida no charco e no abandono, de onde por vezes se erguia, fulgurante, o milagre dos músculos retesados e afirmativos, contra a frente inimiga... ou contra a rectaguarda indiferente, sentem-se frémitos da antiga juventude lusitana, faulhando alentos á esperança de mais claros e altos

Tenhamos fé! Da sementeira das dores humanas rebentam messes que não são como as outras - previstas em natureza e calculadas em quantidade. E a sementeira portugueza, há muito já, que a vimos fazendo, até com as lagrimas que ha no fundo das nossas impaciencias e precipitações, nossos próprios desvarios e crimes. E colando á terra um ouvido de simpatia, alvoroçamnos palpitações de germinar... Creio firmemente que da ruina do dia de hoje, surge desde já, ainda infante, o Portugal da vida nova e do novo ideal!

... Porque tambem na Flandres, quando, já preso, atraves-sava as nossas linhas arrasadas, um estremecedor espectaculo acendeu, no meu nevoeiro interior, um formoso clarão de esperança. Um soldado inglês tomara, de entre os escombros duma ferme, em comovidos braços paternais, uma linda criança de dois anos. Consigo a levava para o Cativeiro, para o Desconhecido, quando o encontramos. Uma infinita ternura amoleceu o coração de todos nós. Atafulhamos-lhe a boquinha de bolachas, disputámo-la ao inglês, acarinhamos o amorzinho como se fosse filho de cada um de nós.

O meúdito sorria contente, todos nós sorriamos esquecidos de tudo o mais — do que para traz continuava a desmoronarse, da grande incerteza fúnebre que ameaçava para a frente. Porque uma criança—a criança de hoje, o homem de ámanhã, a humanidade de ámanhã tinha sido salva dos escombros pelos braços comovidos dum soldado.

> HERNANI CIDADE. Cap. mil. de Inf.

Prof. da F. de L.

De quando em quando o nosso meio academico é assaltado pelas febres mais extraordinarias. Ultimamente, a das excursões atingiu o maximo pois quasi todos os cursos as tencionam fazer ou já fize-

Uma excursão academica, é, sem duvida, um dos melhores élos para a realisação da verdadeira camaradagem entre os rapazes dum curso. Unindo o util ao agradavel uma excursão academica pode-nos en-grandecer desde que os excursionistas se convençam que não é só preciso uzar capa mas sim saber

DE SUL A NORTE

O 4.º ano da F. de Medicina realisou este ano uma excursão ao sul do paiz, excursão que foi para todos os academicos-excursionistas um brilhante sucesso o qual se reflete em toda a Academia desta flete em toda a Academia desta cidade. Durante os 12 días que durou a excursão, visitaram entre outras, as seguintes terras: Santarem, Setubal, Beja, Olhão, V. Real de S. Antonio, Portimão e Ayamonte (Espanha), não tendo havido a menor sensaboria, apezar da viagem ser fatigante, e alcancando todos ser fatigante, e alcançando todos os espectaculos realisados pelo grupo scenico um belo exito. Das recitas faziam parte, entre outros nu-meros, as comedias: «Pouca Vergonha» (em que «A. Carlos David» e «Petronilho» agradaram muito) e «Ao fim do dia»; Fados por «Viamonte» acompanhado por «Milheiro» obtendo ambos enormes ovações principalmente em Ayamonte.
O actor Adriano Guimarães que

ensaiou e acompanhou os academicos e a quem, portanto, se deve parte do sucesso, disse-nos: «A excursão foi um encanto e os rapazes veem radiantes. Em Santarem a espera foi imponente, fenomenal. Creio que nenhuma terra receberia melhor. Em toda a parte fomos alvo das mais amaveis atenções».

Só nos resta felicitar Frazão Nazareth e Carlos David pelo muito que trabalharam e pelo sucesso que alcançaram. Num grande abraço de saudação para todos os excursionistas vai o nosso agradecimento sincero pela maneira como representando o 4.º ano de Medicina colheram mais um triunfo para as nossas capas.

O 2.º ano da F. de Sciencias em viagem de passeio foi ate Famalicão, Santo Tirso e Guimarães levando tambem um corpo scenico que representou... o melhor que pôde nas terras visitadas.

Quem escreve estas linhas assistiu ao espectaculo e vai portanto dizer da sua justiça: Não foi feliz o 2.º ano da F. S. na 1.ª excursão que realisou por muitos motivos que não quero expor pois aguas passadas não moem moinhos. Se ha excursões cujo resultado seja nulo esta pertence a esse nu-mero, embora houvesse quem trabalhasse com boa vontade e energia.

A primeira gaffe, e talvez a principal consistiu em dizerem nos programas: «Festa Academica» não especialisando o curso, o que segundo me consta vai motivar a ida a Famalicão e Santo Tirso dum grupo de rapazes que se propõe a desfazer a má impressão deixada por estes colegas.

Abria o espectaculo a comedia do estudante Adalberto Mendo, «Eterna Cantiga» cheia de espirito e que no T. S. João alcançou sucesso. Foi representada pelo 2.º ano com falta de ensaios e somente João Ribeiro no seu antigo papel e José Moreira da Fonseca (no estudante bêbado) foram bem. O ultimo animou a scena e no final como o pano não descêsse a horas foi o unico que soube representar. Dos restantes salientarei a boa vontade de B. da Silva, R. Oliveira, Guimarães e C. Vaz.

Seguiu-se um acto de recitativos por: Rogerio Oliveira, J. Ribeiro, M. Santos e M. da Fonseca sendo todos muito aplaudidos pois disseram muito bem. Vem depois o Sentimentalismo acto em verso do colega Mateus de Macedo. Bem feito, cheio de lirismo é melhor para ler que representar e depois com um desempenho de «tal força» seria melhor que o autor não o tivesse deixado ir á scena.

Por ultimo, José Taveira canta,

como ele sabe, uns fadinhos e Brandão (aluno do 3.º ano que na epoca passadu não quiz acompa-nhar o seu curso!) demorou e abuzou da paciencia dos espectadores com as suas guitarradas, que alcançariam sucesso se fossem mais

Eu, como representante do «Porto Academico», agradeço ao curso do 2.º ano as atenções que me dispensou e é com profunda mágua que sou obrigado pelo meu dever a dizer palavras tão aborrecidas. De bom, salientarei a ideia de

só levarem originaes de colegas. Não quero terminar sem censurar o procedimento do academico que se encarregou da passagem da casa em S. T. e de agradecer aos nossos colegas: Snr.ª D. M. Leonor Valongo e Veloso Ramos, bem como a todos aqueles que auxiliaram os excursionistas, as gentilezas dispensadas, que se refletem em toda a Academia e que portanto todos devem agradecer.

Que o sucedido sirva de exem-plo! Não é só fazer exeursões; é preciso sabê-las fazer!!!

Na companhia de três catedráticos estiveram entre nós no mez passado, cerca de 20 estudantes da Faculdade de Direito de Sevilha que em viagem de estudo percorreram o nosso País, vísitando os principaes estabelecimentos penais de Lisboa, Coimbra e Porto. Posto que a visita a esta cidade fosse feita numa época desfavoravel, como é a das férias, os nossos visitantes foram no entanto bem recebidos por parte quer dos professores quer dos alunos da nossa Universidade que dispensaram aos colegas do país visinho, uma pequena mas sentida recepção. Nas visitas aos príncipaes monumentos tiveram os estudantes portuenses ocasião de traduzir o seu afecto e dedicação, acompanhando a toda a parte os colegas sevilhanos, mostrando-lhes tudo o que se poderia ver nas escassas 24 horas de demora nesta cidade.

Na visita á Faculdade de Sciencias, aí foram recebidos pelo seu ilustre Director Dr. Luiz Woudhouse e demais professores e alunos, sendo-lhes dadas as boas-vindas pelo Dr. Leonardo Coimbra que num belo discurso falou demoradamente sobre a historia dos dois

povos, terminando por saudar os estudantes portuguezes e espanhoes. Em nome do Orfeon e da Associação dos Estucantes falou o academico Martins Ferreira que, recordando a viagem do Orfeon a Madrid e a bela recepção feita pelos madrilenos, deseja ver os estudantes sevilhanos voltar para o seu País levando as mesmas impressões, tão gratas e inolvidaveis como as que o Orfeon trouxe de Espanha. Em nome dos visitantes falou o catedratico D. Henrique Martizara que, recordando a popeia dos dois povos se sente muito grato pela maneira como foram recebidos nas cidades visitadas, convidando desde já os professores e alunos da nossa Universidade a irem retribuir-lhes a visita. Terminados os discursos que foram muito aplaudidos, os estudantes visitaram as dependencias universitarias sendo sempre acompanhados pelos professores e alunos portu-

Terminada que foi a visita, dirigiram-se para o Palacio de Cristal onde, pela Associação dos Estudantes lhes foi oferecido um almoço de confraternisação. Perto de 40 convivas tomaram parte nesta outra ma-

nifestação de simpatia pelos ilustres visitantes, a qual decorreu no meio do maior entusiasmo.

Na estação a despedida foi muito afectuosa.

Sendo nosso desejo conhecer as impressões que os ilustres visitantes levavam de Portugal, dirigimo-nos a D. José Andrés Vásquez, redactor do "Imparcial" e redactor-chefe de "U Noticiero Sevilhano", pedindo-lhe algumas palavras para o «Porto Academico» Acedendo amavelmente ao nosso pedido escreveu-nos os dois periodos seguintes que traduzem o seu reconhecimento: «Al partir de Portugal, sufro como si abandonase mi proprio hogar. Pero me voy per el placer de tornar». Tambem nós fazemos votos para que brevemente a visita se repita e que seja mais demorada que a ultimamente recebida.

Nota: - Acompanhando os visitantes esteve entre nós o snr. Mario Madeira, ilustre presidente da Associação dos Estudantes de Direito de Lisboa.

NACIONAL

DIVERSAS

«Lua Nova», revista da par-ceria lisbonense, com musica original e coordenada por Alves

Coelho.

Peça: 1.º quadro (charge ao Centenário) muito bom; 2.º (T. M. E.) bom e os restantes: assim, assim. Entre os numeros mais interessantes salientarei: Origem das Danças (por Ghira) e Porto Fino (por Amelia Perry).

Desempenho: A. Rodrigues e Ghira são os «unicos» Actores da Companhia e só éles abrindo uma excepção para José David (nesta peça) conseguem brilhar. De actrizes temos primeiramente: Amelia Perry e depois Dinah, F. Lima, J. de Assunção e Augusta Guedes.

As restantes la Joram indo.

Cenários bonitos, guarda-roupa de efeito, corpo coral muito pequeno e musica maita linda.

P. G.

Ao senhor ministro de Instrução foi solicitado que o lugar de professora da E. A. R., deixado vago por morte da Lucinda do Carmo, fosse preenchido pela distincta actriz Maria Matos. Crentes de que ninguem o ocupará com mais Direito e Saber fazemos votos para que a ilustre actriz vá ocupar o lugar que há muito lhe pertencia na E. A. K.

FESTA ARTISTICA

DE LUVA BRANCA

Luciana de Ruzé era, sem duvida, a mais formosa das mulheres nessa

A' sua volta, como borboletas em redor duma flor, andavam, constantemente, dezenas de apaixonados, e contudo ninguem lhe conhecia um amante. Residia com o seu padrinho Artur de Lurcy, distinto homem de letras, perto de Paris. De Lurcy, após a morte de sua esposa, começára a amar Luciana com uma dessas paixões que não conhecem perigos e tudo vencem para obter o que ambicionam. Uma noite, depois de regressarem da Opera, o escritor bateu a porta do quarto de Luciana que solicita lha abriu. No meio da penumbra encantadora e profunda do seu luxuoso boudoir a joven parecia ainda mais deliciosa.

-Esqueceu-lhe alguma cousa, Padrinho?

-Não; isto é, sim! -Já sei, vai saír outra vez. Ainda está de casaca, de luva branca e certamente precisa de mim para...

-Sim, necessito de ti, unicamente

Bem sabe que o meu prazer é ser-lhe util. O Padrinho tem sido para mim um segundo Pai.

—Por Caridade, Luciana! Não adivinhas o que me traz aqui? Não compreendes que tortura dilacera e esfarrapa meu coração? Os meus olhos não te dizem o que os lábios receiam pronunciar?

-Infelizmente compreendo tudo e já pensei...

O quê? -Que tenho 23 anos e o Padrinho perto de sessenta. Sou honesta e ssndo sua esposa não deshonraria o nome dos Lurcy mas a minha vida seria um martirio. Como mulher, sou romantica: sônho com um prin-

cipe encantado e suspiro pelas noites de luar em que sinta o meu coração pulsar junto dum outro que me ame. Bem sei que o Padrinho me teria muito amôr mas para si eu não passaria duma horaga gentil. Tenho saria duma boneca gentil. Tenho loucuras de criança e o fôgo da minha juventude faria de si um infeliz, pois muito embora o seu coração suplicasse o corpo nada mais faria dêle que um escravo. De-pois, o amôr cança o organismo e um dia os mais negros ciúmes haviam de o torturar por tudo e por nada. Amo a minha mocidade e não quero vê-la perdida entre a frieza do nosso

-Mas não compreendes que viver sem ti é a morte? Não sabes o que tenho sofrido por tua causa? O mundo elegante ri quando eu passo e unicamente por ti, mandei para a America o meu filho, o meu adora-

Por minha causa? -Ele amava-te e eu tinha ciúmes que aquilo que recuzavas aos outros o obtivesse êle. Sacrifiquei o meu Dever ao Amôr e se preciso fôsse... mata-lo-ia!

-Endoideceu?! As suas palavras envenenam a minha existencia... Saia, peço-lhe?!

—E' demasiado

demasiado tarde... Serás minha! Completamente tresloucado, Ar-

tur de Lurcy agarrou a afilhada pelos ombros e beijou-a. Dando um salto, como uma panté-

ra, Luciana apanhou uma das luvas brancas do velho conquistador e esbofeteou-o com ela -Ouça, senhor de Lurcy: eu amava, e amo ainda, seu filho; amo-o com todas as forças da minha alma e só agora sei que era correspon-dida e que é por minha causa toda a infelicidade de Gastão. Há pouco,

num momento de desespêro, esbofeteei-o; pois bem, peço-lhe perdão

do que fiz e se promete ser nova-mente um bom Pai consinto em ser sua mulher. Obrigado, eu... -Não me agradeça. Este sacrificio, que vem desfazer todas as minhas ilusões e esperanças, faço-o em honra de seu filho, daquele que

tenho amado em silencio... Que toda esta triste cêna fique unicamente entre nós; agora, es-creva a Gastão pedindo-lhe que volte e dentro dum mez serei sua... mulher!

São 11 horas da manhã; estamos no dia marcado para o enlace matri-monial de Luciana de Ruzé com Artur de Lurcy. Deitada num flácido divan a joven sacrificada espera o seu futuro marido a quem não tornára a vêr desde a fatal noite. Súbito ouve agitar a campainha; sente passos que se aproximam e vê aparecer aquéle que espera mas tão pálido e envelhecido que fica admi-

rada. Do apaixonado nada mais resta que a toilette.

- Minha senhora, venho para sa-

ber se está disposta a cumprir o que prometeu? -Estou!

-Nêsse caso venho desliga-la da sua Promessa e pedir a sua mão para meu filho.

No dia seguinte ao do casamento de Gastão com Luciana o velho es-critor Artur de Lurcy foi encontrado morto no seu gabinete de trabalho.

Suicidára-se e junto ao coração foi-lhe encontrada, cheia de manchas de sangue, uma luva branca, a mesma que castigando um atrevido recebêra mais tarde, num beijo, o Perdão para um Desgraçado!

ALMA RUBENS.

MUSICA E TEATROS parte, numa anedota conhecidissima e é, como quasi, toda a Revista, extremamente picante, ao sabôr das galerias. A masica é bonita. Entre numeros bons, citarei: o da iesta da ilor na China (pela novidade), o do Camarista e parte do 1.º quadro do 2.º acto. Desempenho: Alvaro Pereira, num compere de dinicil interpretação, foi o Artista de sempre. Ruas, muito bem e Martino admiravel. Dos restantes: Adena, M. Ferreira, Z. Beitencourt, A. Silva e Octavio Matos (excepção ao policia) toram os melhores. Enscenação de H. Sani³Ana, muito boa e de eieito. Cenários interessantes (o da 2.ª apoteose pareceume conhecido, assim como as toilettes dos coristas no numero do Conquistador (?)—eram as de Leviana duma revista da época passada) e a orquestra, sob a regencia de Vasco Macedo, muito segura.

O 3.º concerto da época realisado no passado domingo, 25 de Março, no Salão da Trindade, ficou muito áquem dos já ali realisados.

Vejamos por partes:
Em primeiro logar executou-se a conhecida abertura de Beethoven «Leonor» (n.º 3), que foi bem interpretada. Seguiu-se, depois, uma pequena peça de Massenet, para corda: Les grands violons du roi Luiz XV que, com tranqueza, não me agradou e eu tive a impressão de que aquilo foi só para encher programa, dado o numero reduzidissimo de ensaios que teve a orquestra para este concerto. No pequeno número de Reinecke, para corda, O relogio, bastante interessante, por sinal, e que houve engano da parte da regencia.

Eu tenho uma grande admiração pelo maestro sr. Hernani Torres, grande pianista e compositor que é. Mas permitame s. ex.º que eu faça algumas observações:

coes:
Sendo este trecho a traducção musical do tic-tac dum relogio (como aliás
o seu nome indica), porque é que se tes
o seu nome indica), porque e que se tes o sel nome indica, porque que a partium rallentando acentuado no tim duma
das partes, quando e certo que a partitura nada indica a esse respeito?

O andamento deste numero e o mesmo de principio a tim e de resto não se
compreendia um relogio a atrazar o seu
ritmo, a não ser que... estivesse avariado.

riado.

No preludio do 3.º acto do Lohengrin
de Wagner manifestou-se bem claramente a falta de ensaios e sobretudo a
talta de energia e clareza de marcação

a regencia. Houve falhas grossas que de modo gum se poderão atribuir a artistas abeis como os que compõem a orques-Na 2.ª parte do programa figurava a conhecida Sinfonia em dó maior de

Na 2." parte do programa figurava a conhecida Sinfonia em dó maior de Beethoven.

Devo irizar aqui, a união dos 1.es violnos e do resto não digo mais nada, porque teria de recomendar novamente mais tirmeza e energia na batuta...

Um pequeno intervalo para tumar um cigarro e eis-nos na 3." parte que abriu com o prelúdio do 1.º acto do Lohengria seguindo-se lhe em 1." audição o Tasso de Liszt — Lamento e triunfo.

Aqui é que toi uma verdadeira desgraça! Bem me diziam alguns elementos da orquestra com quem talei e que, segundo diziam, as cólicas eram gerais porque os ensaios (malditos ensaios) tinham sido deficientissimos.

Na verdade: no principio do Triunfo a anarquia era geral. Ninguem se entendia e o sur. regente, verdadeiramente atrapalhado desenhava hieroglitos com a batuta.

A orquestra bastante comprometida procurava segurar-se mas em vão e tudo aguilo iria ao tundo se não fosse alguem.

A orquestra bastante comprometida procurava segurar-se mas em vão e tudo aquilo iria ao tundo se não fosse alguem, das madeiras, ter o sangue-trio necessario para entrar resolutamente no seu compasso marcava.

E assim, cobrando animo, a orquestra seguiu o seu colega conseguindo levar a cabo o demonio da peça, que sendo

uma verdadeira obra prima serviu apenas para tazer passar um mau bocado a todos os artistas.

Ora quem me ouvir falar assim ha de

os artistas.

Ora quem me ouvir falar assim ha-de julgar que tenho ma vontade ao snr. regente e á Sociedade dos Concertos Sinfónicos. Nada disso! O que eu queria, como amigo do Porto que sou, era que tudo isto corresse mellor.

Com os elementos que compõem a orquestra, o Porto podia ter a melhor do paiz.

O que ali falta é apenas um Fão, um Pedro Blanco ou um Raimundo de Macedo. E torno a fijzar: o snr Hernani Torres é um musico distincto, um pianista eximio e um compositor inspirado, mas não é só con essas qualidades que se dirige bera um concerto, faltam-lhe os nervos. Toca piano mas não toca bem batuta como diz um conhecido regente filarmónico!

DOMO EST.

SÁ DA BANDEIRA

«Uma mulher sem importan-cia», 4 actos, de O. Wilde, tra-dução de Alice Lawrence.

dução de Alice Lawrence.

Peça: Simplesmente soberba desde principio ao tim. Com dialogos tinamente tratados nos dois primeiros actos atinge a máxima beleza no ultimo. Todos os elogios são poucos e dêtes compartilha tambem a tradutora, pois só uma mulher, mas mulher de vaior, poderia apresentar um trabalho tão digno do autór.

Desempenho: A mais bem interpretada, até hoje, pela Companhia Lucilia Simões. Todos vão bem e entre os melhores destacarei: Lucilia, a nossa Grande Artista, que 1ez, como ninguem tazia, a cêna capital do ultimo acto o que lhe valeu uma ovação; Maria Sampaio, A. Pereira, Erico Braga e Luiz Barreira (estreiante) que propositadamente deixei para o tim. Possuidor de uma boa tigura e voz, vestindo bem e dizendo com clareza, conseguiu, num papel de muita responsabilidade, agradar. Teve poucos deteitos e esses mesmos desaparecerão, estou certo disso, com o tempo e com os conselnos da bela Mestra que é Lucilia Simões.

Eu, como crítico principiante, só posso lelicitar o novel actor e o meu desejo é vê lo, em breve, marcar um lugar de destaque na Cêna Portuguesa.

Cenarios bonitos, tollettes de tino dosto e a marcação (veja-se a do principio do 2.º acto) um primor como era natural sendo de Lucilia Simões.

AGUIA D'OURO

«Truz-Truz», revista em 2. actos.

Peça: Uma mistura de numeros bons e maus. O quadro da comedia baseia-se, em

FESTA ARTISTICA E' na proxima quinta-feira, 12 de Abril, que se realiza no Teatro Aguia d'Ouro a récita do actor Monteiro e do ponto João Dias. Ambos são possuidores de belissimas qualidades de trabalho e como além disso o espectaculo constará da revista «Truz-Truz» e do «lever du rideau», «Ao im do dia», sem talar de outras surprezas, a casa deverá ter uma enchente. E' este o nosso desejo e estamos certos de que na quinta teira os amigos dos testejados e os apreciadores duma noite bem passada não taltarão ao espectaculo do Aguia d'Ouro.

QUEM CUIDA.

O Amôr é para as mulheres a sua melhor glória, e ninguem como elas sabe reconhecer e aproveitar o efeito máximo dos seus embustes. Feiticeiras que trazem nos olhos a sedução que nós, os homens, ávidamente procuramos, tornando-a feliz e conduzindo-a para a Alma, compreendem a força infinita de que dispõem. E é por isso que se ufanam, rindo e cantando triunfo, como se na sua fragilidade residisse o supremo esforço da conquista, a energia inaudita que dobra o mais inflexivel orgulho dos corações masculinos. Perante elas, desde sempre, os temperamentos heroicos, talhados para a luta e prontos para as maiores aventuras, vacilaram e ficaram prisioneiros duns nacarados lábios que murmuram orações de luar e de sonho... E atraz duma suave ilusão que, como todas, é sempre mentira, e fugaz, os incautos partem e despertam... só quando a quimera se desfez ao longe!...

Amôri Amôr! gritam as aves doidinhas de alegria, logo que a Primavera chega.

Amôr! Amôr! murmuram as aguas limpidas que serpeiam pelos prados verdejantes. Amôr! Amôr! clamam os poetas e as sombras misteriosas

dos perfumados bosques. E as mulheres, ouvindo o éco que as acaricia e alenta, vestem-se de vaidade, toucam-se de flôres, enchem o peito de juras lindas mas extraordinariamente falsas, e partem para a batalha do Amôr, a batalha

causa tantas vítimas!... Por elas, os cavaleiros se batiam e expunham a vida,

que sempre ganham, e que

por elas o denodado Magriço escreveu uma soberba página para o espanto da Posteridade. Ao seu dominio se curvaram guerreiros experimentados, e para elas se crearam algumas das mais formosas obras de Arte. Ao vê-las assim fransinas, delicadas, tenues como fumo que se esfarrapa pelo ar, engana-se quem cuida que um sôpro bastaria para a sua prematura morte...

(A' «O. M.»)

E' que, o Amôr, tornando-as fortes como o aço, deve mostrar o erro total do nosso calculo, mas, nem por isso, Agenor de Gasparin, deixa de ser justo ao afirmar: - a Mulher não é apenas o encanto da familia; é tambem, em muitos casos, a sua consciencia e a sua dignidade.

ARNALDO DE AZEVEDO PINTO.

VISÃO DO PASSADO

Á "M. DA G." E "D. S."

Uma sala elegante revelando em tudo simplicidade, nobreza, bom gosto. Ao fundo uma pequena janela. Por toda a parte as mais belas flôres que ornamentam o pequeno chalet, de bicos e rendilhados, á semelhança d'ima doirada gaiola de canarios, verdadeiro ninho de amôr, perfumado e tépido. E' o morrer dum risonho dia de inverno. Ao longe ouvem-se as ultimas badaladas das Avé-Marias.

JAIME - Simpatico e aprumado roçando pelos 33 anos com alguns fiositos de prata a espreitarem entre os seus cabelos loiros. Senhor dum temperamento sentimental e poetico arregaça-lhe frequentemente as faces um sorriso bom, espirituoso e trocista.

MARIA - Uma mulher ideal, esbelta, morena, olhos escuros, boquinha divinal e cabelos fascinantes; gracil como biscuit e meiga como as pombas.

MIMI — 7 anos incompletos; loira como os trigais e formosa como Maria é o pequeno sêr que enche de alegria o rendi-Ihado chalet.

JAIME — (Entra sorrindo; fecha leve-mente a porta e descendo por detraz do sofá cobre com as suas mãos delgadas e flexi-

veis os olhos de Maria, sua esposa).

MARIA — (dando um pequeno grito e retirando as mãos de Jaime) — Maçador!

JAIME — (admirado, mas troçando) Que

diz a minha gentil mulhersinha?

MARIA—(sem o fitar) Nada... Não

JAIME—Decididamente houve qualquer cousa!... Ah! já sei, mais uma diabrura da Mimi?! Não faças caso e...

MARIA — Enganas-te!

JAIME — Mas então o que se passou?

MARIA — Já te disse: Nada!

JAIME — Mau! Tu conheces-me bem e portanto não vais supôr que acredito no que me acabas de dizer. Francamente, estra-

Entro, como de costume silenciosamente; cubro teus olhos com as minhas mãos e em vez da costumada frase: «E' o senhor meu maridinho» dizes «maçador». Fico esperando o nosso beijo e em vez dêle encontro-te amuada! Porquê? Não sei, e tu não mo queres explicar! Creio que vim para casa á mesma hora, que tenho cumprido sempre o meu Dever, que te amo como outr'ora ou talvez mais porque, hoje, há um pequeno élo que ainda sustem melhor a nossa cadeia... Compreendes a que me refiro?

MARIA (baixo) — A' nossa filha! JAIME — Sim, á Mimi! Se te faltasse alguma cousa; mas não, tudo em nossa casa

maria flores, promessas, ternuras, ideais, planos, conjecturas; mas agora as flôres são mais belas e rodeiam-nos; as ternuras são mais amiudadas; alcançaram-se os ideais; satisfizeram-se os planos e as conjecturas; quanto ás promessas parece-me que nem eu nem tu as esquecêmos! (reparando na espôsa) Mas que é isso? Que tens?

MARIA (levantando-se nervosa, excessi-

vamente nervosa) - Nada! JAIME (alto) - Não me queiras vêr zangado pela primeira vez! Diz-me o que tens?... Mas tu choras, amôr? (afagando Maria) Que

te fizeram, anda, fala.

MARIA (fugindo-lhe) — Deixa-me! Não queiras acrescentar á tua comédia mais uma cêna que me enôja e faz sofrer! JAIME-Enlouquecêste? MARIA-Não te faças tôlo! Acredita,

estás representando um papel repelente. Dizes que me tens amôr? Mentes! se o tivesses, terias pelo menos, a generosidade de não ser tão cínico e...

JAIME—(colerico) Cala-te! Até aqui

pedi, supliquei, que me dissesses o que te fazia sofrer, agora ordeno, exijo-o!
MARIA—(irónica) Ainda não compreên-

JAIME-Absolutamente nada! A minha

consciencia de nada me acuza, isto é... MARIA—Ah?! JAIME-(concluindo): acuza-me de «te

amar tanto».

MARIA—Tambem a minha!

JAIME—E porquê?

MARIA-(chorando) Porque já não me

amas, porque me trocaste por outra mu-

JAIME—Decididamente, enlouquecêste? MARIA—Prouvera a Deus que assim fôsse! Essa mulher é mais bela e mais nova

JAIME-(troçando, mas ainda admirado)

MARIA-Felizmente ainda não a encontrei, porque se a visse, com o ódio que lhe tenho, só o meu olhar a faria morrer de

JAIME-Mas então quem foi a criatura feliz que a viu, que trouxe a êste ninho de amôr onde tudo era Paz e Felicidade a dis-

córdia e as lagrimas?

MARIA—Tua filha!!!

JAIME—(rápido). Que disseste? Repete outra vez! Foi Mimi a pessoa que... MARIA-(num esforço supremo): te viu

beijar o retrato dessa mulher! JAIME - (mais satisfeito) Quando foi

MARIA-Esta manhã no teu escritório. Ela confessou-me tudo, inocentemente. Cherando a casa disse-me sorrindo: «Sabes Mãesinha, o Papá deu-me rebuçados, beijou-me muito e depois tirou da gavêta um pequeno retrato de uma senhora muito bonita, tanto como tu mas mais nova, e beijou-o! Depois perguntou-me: Mimi, gostas desta senhora?--Gosto sim, mas não tanto como da Mamāsinha!»

E tu respondêste sorrindo... JAIMD—(interessado) O quê?

MARIA—(numa ironía protunda, mas chorando) «Que tolice, Mimi!»

JAIME—(trocista) E é por isso que cho-

MARIA-(ofendida) Não queiras abrir mais a ferida que dilacera meu coração! Por caridade, poupa-me! Peço-te em nome de

tua filha, do nosso antigo amôr...

JAIME—(meigo): Sê razoavel, Maria!

Não digas tolices e esconde-me essas lagrímas. Os teus olhos são feios quando choras! MARIA-(alegrando-se) Mas então não é

verdade? IAIME—(com toda a fleugma) È! Mimi

MARIA-(num desespero louco) Ah! Jai-

quem te transformou dessa maneira? Mata-me mas não me faças sofrer mais! JAIME - Acalma-te! Por acaso, tenho aqui na minha carteira o retrato de que falaste há pouco.

MARIA—(com vivacidade) Quero vê-lo!

JAIME—Será Mimi quem t'o entregará! (á porta, chamando) Mimi?! Mimi?! MIMI—(entrando e beijando Jaime) Cha-

maste, Papásinho?

JAIME — (mostrando-lhe a fotografia

que tirou da carteira) Conheces este retrato?
MIMI—Conhêço! Foi o que beijaste no
teu escritório, esta manhã!

JAIME—(entregando-lho) Vai leva-lo á
tua Mamã e dize-lhe que o queime!

MARIA—(pega no retrato a tremer; fita-o

nervosamente mas de subito os olhos retomam o brilho costumado e as faces a côr habitual. L' feliz, muito feliz!): Mas esta... JAIME—(rindo) Obrigadinho pela novidade! E' o retrato que me deste há 12 anos e na verdade eras então mais nova...

MARIA—e mais bela!

JAIME—Continúas na mesma! Aos meus

olhos, és e serás sempre a mulher que amo! (Silencio durante minutos; fitam-se uns

MARIA-(acariciando o marido) Perdoas-me? Bem vês, eu não podia calcular que ainda conservasses esta fotografia...

depois de possuires o original!

JAIME—Mas perdoar o quê? Os ciúmes que sofreste por causa dêste retrato? Ton-tinha, êles vieram demonstrar-me que o teu amôr por mim permanece inalteravel, que o Passado vive ainda e viverá para sempre! Involuntariamente fiz-te chorar mas creio que um beijo secará êsses olhitos que eu amo há tantos anos!

amo ha tantos anos!

MARIA—(beijando o marido, tem no olhar a chama da paixão e nos labios a galanteria) Jaime!!!

JAIME—(cingindo nos seus braços o corpo serpentineo da esposa) Maria! Amôr da minha vida! Amôr dos Amôres! MIMI — (amuada puxando pelo casaco

do Pai numa infantilidade cómica) Eu tambem aqui estou! JAIME-(levantando a filha) Tens razão! Mereces umas palmadinhas por seres lingua-

MARIA-(com meiguice, vendo Mimi fa-

zer beicinho) Sim, vais apanhar.. JAIME (com todo o carinho) milhares de

E enquanto dentro da sala um grande beijo unia três sêres que se amavam com loucura, a noite estendia, lentamente, o seu manto cravejado de estrêlas sobre a Terra como a abençoar aquele ninho onde rizidia a Paz e o Amôr!

FÉRIAS DA PASCOA

Para quasi todos os cursos terminam hoje, dia 9, as férias da Pascoa. Mesmo os alunos daqueles cursos que teem ferias mais extensas, não devem deixar de comparecer nesse mesmo dia na nossa Associação, afim de que os ensaios do Orfeon Academico, bem como os da Tuna, corram com a maxima regularidade. Que ninguem deve faltar, é decerto o modo de ver de todo o bom orfeonista. O dia marcado para o nosso primeiro passeio está prestes a chegar e nós não devemos de maneira alguma causar um desgosto, por mais simples que seja, aos nossos ilustres regentes Dr. Clemente Ramos e estudante Modesto Osorio. Certamente os inteligentes academicos que constituem a Direcção Administrativa do nosso Orfeon -Marques Gomes, Braga Real, José Branco, Martins Ferreira e Pais Aguilar, confiam na boa vontade de todo o estudante orfeonista,

ociedade de Fabricantes de Lan COVILLA

DEPOSITO NO PORTO Rua do Almada, 59-1.º-D.to

Vendas directas AO PUBLICO sem intermediarios Fazendas para Homem e Senhora por preços inegualaveis

AOS ESTUDANTES

Grandes abatimentos nas suas explendidas fazendas para capas e batinas.

AO PUBLICO EM GERAL

Vendas directas por preços bem acessiveis de todas as excelentes qualidades de fazendas que só neste deposito se encontram.

NOTA: O "Porto Academico" recomenda esta casa ás Ex. mas Familias dos senhores estudantes.

Gazolina Petroleo Oleos de lubrificação

Combustiveis

The Lisbon Coal & Oil Fuel Company, Ltd.
Lisboa, Pôrto Figueira de Figueira Depositarios em todo o Paiz

As melhores sobremesas são as FRUCTAS SECAS e DOCES da

CASA FAVORITA

DE JOSÉ L. MARQUES DA CUNHA 70, RUA DA FABRICA, 72

DE Fernando Machado & C.a, L.da

Rua das Carmelitas, 15 — PORTO

Compra e vende toda a qualidade de livros novos e usados. Obras nacionais e estrangeiras

ANTONIO THIRGO PEREIRA 398, Rua Fernandes Thomaz, 397-A

Artigos de Modas e Miudezas, Pelerines, Regalos em peles de varias qualidades. Sempre um grande e variado sortido da sua especialidade.

Retrozes, meias, peugas, lenços, perfumarias, sedas, panos brancos, tules, rendas e

Artigos para Bordar

PAPELARIA INDUSTRIAL E TIPOGRAFIA SEBASTIÃO D'ALMEIDA

= 23, LARGO DO CARMO — PORTO

COMPLETO SORTIDO EM OBJECTOS DE ESCRITÓRIO E DESENHO. ESPECIALIDADES. PAPEIS DE LUXO. CARTEIRAS. BILHETES DE VISITA. -= CANETAS DE TINTA PERMANENTE =

Curso de Explicações

Aluno do curso superior, explica todas as disciplinas de sciencias do curso liceal.

Carta a esta redacção com as iniciais M. S. T.

Grande Armazem de Viveres :: Confeitaria e Pastelaria ::

Veloso, Dias & Castro.

Rug Formosa, 339 — PORTO

- TELEFONE, 878 -

Sortido completo em todos os generos de mercearia, vinhos finos, champagne, licores nacionaes e estrangeiros. Unico deposito no Porto do famoso Pão de Lò de Margaride.

Especialidade em Generos 🌣 do Brazil, Chá e Café 🎄



Preferi o calçado

Portugal, Ltd.

Deposito n.º 1

R. 31 de Janeiro - Porto

GRANDES ARMAZENS Montes Herminios

461, Rua Fernandes Tomaz—PORTO

FAZENDAS DE LÃ. FAZENDAS DE ALGODÃO. MALHAS. MODAS E CONFECÇÕES.

Preços que desafiam toda a concorrencia.

15P. PRACE DA LIBERDADE, 16 PORTO

Endereço telegráfico: PORVIR Telefone numero 623 Manuel Caetano de Oliveira & C.a Limitada

FOTOGRAFIA GUEDES

A mais premiada A mais preferida

346-R. Santa Catarina, 356 PORTO

(ANTIGA MERCEARIA FUNDADA EM 1818)

Mendes Guimarães & Irmão IMPORTADORES DE FUMOS E DE GENEROS DE TODOS OS ESTADOS DO BRAZIL:

Carne seca, linguas do Rio Grande, camarão seco, pimentinhos, farinha Suruy, Matte, ARROZ IGUAPE, cangica, araruta, sagú, polvilho, fubá mimoso, tapioca do Paráfarinha d'agua, pirarucú, tucupy, azeite dendé, café Minas, Moka e todas as frutas: goiabada, rapadura, mariola de capote, abacaxi, cajú, côco, manga, tamarinho, bananado, cajú cristalisado, etc.

PARATYESPECIAL marca "Pretinha,, e LARANJINHA marca "Avenida Central,, (registadas) REPUTADAS MARCAS E EXCLUSIVAS DESTA CASA

Comissões - consinações

Vinhos finos, Cognacs, Licores e Champagnes Grosso e varejo

474, RUA DO BOMJARDIM, 478 - Porto

Telegramas PRETINHA: — Usa-se o Codigo Ribeiro — Telefone, 1529

R. DO BOMJARDIM, 268 - (Em frente aos Bombeiros Voluntarios)

Estudantes:

Comprae os vossos compendios na Companhia Portugueza Editora, pois é a casa que tem o maior sortido em livros escolares adotados para os cursos de instrução primária, secundária e ensino superior. Completo sortido de papelaria e material escolar.

Companhia Portugueza Editora-(Sucursal)-R. do Almada, 123-PORTO

Rua de Santa Catarina, 432 a 438 — Telef. 995

AGENTES NAS PRINCIPAES CIDADES DO PAIZ

Unica no genero em Portugal. Encarrega-se de funeraes, desde os mais simples aos de maior sumptuosidade; Trasladações; Decorações de gala, em Egrejas, Teatros e outros recintos.